

ENTREVISTA COM PROF. DR. FIDÈLE MABUNDU

(Sacerdote católico congolês, professor-doutor de Teologia e secretário da Escola
Doutoral da Universidade Católica do Congo)

Welder Lancieri Marchini¹
(equipe editorial *Último Andar*)

Fidèle Mabundu Masamba nos recebeu para uma agradável conversa na Casa São Paulo (residência de sacerdotes da arquidiocese de São Paulo, situada no Ipiranga), onde esteve hospedado durante sua estadia na capital paulista. Nas idas e vindas de nosso diálogo, que transitou entre o português e o francês, Fidèle nos trouxe, de maneira breve, algumas realidades de seu país. Ele é oriundo da República Democrática do Congo, sacerdote católico, e também doutor em teologia pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Professor de teologia e secretário da Escola Doutoral da Universidade Católica do Congo, sua área de trabalho e pesquisa é a Teologia Pastoral, com enfoque na leitura popular da bíblia, assunto sobre o qual nos falou nesta entrevista e com base no qual escreveu o livro “Lire la bible en milieu populaire” (Éditions Karthala, 2003, ISBN 2-84586-462-0). Também conversamos sobre as Religiões Tradicionais Africanas (RTA) e a diversidade religiosa no continente. Seus estudos buscam entender as influências dessas religiosidades principalmente no meio cristão-católico. Entendendo-as como parte da cultura do povo do Congo, Fidèle diz que suas influências são percebidas em todos os ambientes da sociedade e, como não poderia deixar de ser, também vistas nas várias religiões, mesmo as trazidas do ambiente europeu. Mais que uma instituição religiosa, as RTA são responsáveis pelo substrato religioso-cultural que se faz presente nas religiões levadas ao Congo. O principal fundamento desta cosmovisão está na crença em dois mundos, um visível e um invisível, que têm uma hierarquia entre si, mas que ao mesmo tempo interagem um com o outro. Há também a crença em um Ser Supremo, Criador e Pai. No atual cenário religioso congolês, as RTA exercem sua influência principalmente no culto dedicado aos ancestrais, que fazem parte da vida familiar, independente da religião a que pertençam - em África, a religião faz parte de todas as esferas da vida humana, seja a familiar, a política ou a ética. Para o cristianismo católico, ao qual pertence Fidèle, o

¹ Mestrando em Ciências da Religião (PUC-SP), bolsista CAPES, wwlancieri@yahoo.com.br

desafio está no contraste entre a religião oficial (universal), majoritária no território nacional, e a religião vivida pelo povo congolês, com forte substrato das RTA. Nesta entrevista, Fidèle nos fala sobre a religiosidade africana e sobre o desafio de uma teologia que corresponda à vida local, enquanto Ênio José da Costa Brito, professor doutor do programa de estudos pós-graduados em Ciências da Religião da PUC-SP e especialista em religiosidades populares e de matrizes africanas, acrescentará para os leitores da *Último Andar* algumas sugestões bibliográficas no intuito de enriquecer as reflexões levantadas por Fidèle. Confira a conversa:

Último Andar: A partir da realidade africana, qual a relação que podemos fazer entre a vivência religiosa e a cultura?

Fidèle Mabundu: A princípio, podemos dizer que religião e cultura são separadas: na religião, evidentemente, há uma relação do homem com Deus. Aquilo que no cristianismo chamamos de “Deus”, na religião africana chamamos de “Ser Supremo”. O Ser Supremo é fundamental para o mundo africano, pois é criador, não tem leis e é significativo que seja chamado desta forma nas religiosidades tradicionais africanas. Então, este seria uma via entre o homem e todos os seres, o homem entre eles, os invisíveis e os visíveis, os animais e as plantas, e assim todo esse modo de conceber o mundo forma a cultura africana. Os ancestrais, por exemplo, são invisíveis. Os bons e maus espíritos fazem parte da religião e da cultura, de um conjunto de valores e de ideias e de tudo o que é perfeito: o homem com Deus (ou com o Ser Supremo), entre os outros homens, com as plantas e animais e com os seres invisíveis, o que acaba resultando nessa configuração cultural. A religião é também responsável por uma atitude e pelo modo como o homem se relaciona - neste caso, se torna impossível separar religião e cultura.

U.A.: Como se organizam as particularidades dessas crenças, sendo a África um continente muito amplo?

F.M.: Sim, a África é um grande continente que tem muitos povos e muitos países. Há muitas diferenças entre as populações e as culturas. Mas se eu quero estudar uma população, ou o sociólogo, ou o antropólogo, ou o poeta, ou o psicólogo ou mesmo o especialista em religiosidade africana que se proponha a tal compreende que, apesar das grandes diferenças entre cada grupo, há também muitas relações e muitas

semelhanças entre eles. Vemos tanto diferenças quanto semelhanças. Isso que é importante ressaltar: as diferenças de culturas presentes no continente africano influenciam no seu conjunto - apesar das disparidades evidentes, há muitas equivalências e diálogos que conferem coesão conjuntural. As religiões tradicionais africanas (RTA) mostram a relação com Ser Supremo que se encontra nos mais variados povos africanos. Por isso não podemos falar da religião, mas das religiões africanas. Devemos considerar que, por serem muitas estas formas de religiosidade e cada uma ter a sua maneira diferente de pensar o Ser Supremo, de pensar o contato com o sagrado, evidentemente não é possível falarmos em uma única religião africana, mas nas “RTA”. Podemos dizer que estas são tradicionais, pois são o que existe de mais autenticamente africano. Ela é herança dos ancestrais e é transmitida de geração em geração.

U.A.: E esta matriz comum está presente nas distintas religiões?

F.M.: Está presente na cultura, religiões e sociedades africanas. Por isso mesmo eu dizia que não podemos falar de uma “religião tradicional africana” mas das “religiões tradicionais africanas”. O uso no plural nos ajuda a perceber a diversidade religiosa da África. É uma forma diversa e plural de conceber o mundo do sagrado. Cada povo tem seus ritos, seus cultos, seus gestos, ou simplesmente uma maneira específica de entrar em contato com o sagrado. Uma característica comum das religiões tradicionais africanas é a crença na vida após a morte. Os mortos não são restritos ao “espaço” da morte, mas estão sempre ativos e presentes na vida dos vivos que se dirigem a seus ancestrais falecidos. Sabemos que as religiões africanas têm um modo diferente de ver a morte: ela não é um fim. Quando morremos, formamos uma nova família no mundo invisível. A família do africano é formada não só pelos vivos, mas também pelos que já morreram.

U.A.: E o que dizer quanto a “Deus”, como é concebido?

F.M.: Nas religiões tradicionais africanas se crê no Ser Supremo. Ele é invisível, não-criado, sem começo nem fim, e ao mesmo tempo criador de tudo o que existe. Sua principal característica é a bondade. Ele está tanto longe quanto próximo, é transcendente e imanente. Os ancestrais e os espíritos são uma forma de se chegar a ele. Em todas as culturas africanas há a presença do Ser Supremo nos mitos, contos e recitais e também a crença de que ele age sobre a vida dos africanos.

U.A.: Quando falamos do Congo, qual a influência das religiões na sociedade civil e na organização política e social?

F.M.: A pergunta é se a igreja influencia na organização social? Sim! O Congo é predominantemente católico. A igreja, portanto, influencia toda a vida em sociedade. Na África, a religiosidade penetra em tudo, vemos inclusive que a evangelização no Congo muito trabalhou com o mundo político. Os colonizadores trabalharam em conjunto com os evangelizadores, de modo que o homem político e o homem religioso norteavam-se na mesma direção. O país de onde venho é profundamente influenciado pela Igreja Católica: 80% de sua população assim se reconhece, e percebe-se essas marcas na sociedade civil. Mas, apesar de o Congo ser um país cristão, do ponto de vista do Estado, sua Constituição é laica, e o Estado é que toma as decisões importantes. Mas talvez não haja em realidade uma grande diferença, porque aqueles que estão no poder são cristãos e foram formados pelas instituições católicas, e há mesmo assim uma forte influência da Igreja Católica a nível institucional.

U.A.: Sendo o Congo, portanto, predominantemente católico, como é a presença das outras religiões?

F.M.: Prevalece no Congo a religião católica, protestante, a cultura islâmica, a igreja independente, a igreja umbandista, a igreja quimbandista, a igreja do sonho, além das igrejas evangélicas. Mas a grande parte do Congo é, enfim, composta pela igreja católica.

U.A.: E, considerando essa matriz mencionada anteriormente, todas estas religiões são influenciadas pelas religiosidades tradicionais africanas?

F.M.: Sim. A vida das pessoas e das igrejas, no cotidiano da vida africana, são permeadas por essa matriz cultural oriunda das RTA. Por conta da notável porosidade da cultura africana, é evidente que mesmo aqueles que, por exemplo, são batizados como católicos, são notavelmente influenciados por ela. Posto que a cultura é “orgânica” e “dinâmica”, é claro que o processo inverso também ocorre, ou seja, todo o substrato de crenças e hábitos dessas diversas religiões também influenciam o imaginário tradicional, mas evidentemente são, na prática de vida, ainda mais influenciados por ela.

U.A.: Se todas essas religiões têm uma mesma raiz, como mencionado anteriormente, há abertura para um diálogo entre elas?

F.M.: O diálogo entre as religiões é possível, mas difícil. Para haver diálogo é necessário que cada um possa dar seu ponto de vista, garantindo respeito e abertura. No diálogo não podemos assumir a postura de que uma crença ou um crente é inferior, e o outro, superior. Os dois precisam se posicionar no mesmo nível. Em todo caso, é preciso posicionar em mesmas condições as duas partes, naturalmente o respeito sendo uma condição essencial para o diálogo. Inclusive é importante para nós, estudiosos do fenômeno religioso, que as religiões tradicionais africanas, igrejas evangélicas, igreja católica ou protestante, se coloquem juntas diante de um problema político comum.

U.A.: Seria um diálogo menos conceitual ou teológico e mais prático?

F.M.: Naturalmente o diálogo é muito mais fácil na vida concreta e sobretudo em nível de pessoas simples. Em nível de grandes instâncias é muito mais difícil.

U.A.: Fale-nos um pouco sobre sua pesquisa.

F.M.: Vim para o Brasil de férias, a convite de meu amigo Antonio Manzatto, mas aproveitei a oportunidade para dividir informações com os acadêmicos, sendo que também havia falado com os teólogos da PUC. Considero uma chance de servir e de partilhar minha pesquisa. Para mim, estar no Brasil é uma boa ocasião de estar com os teólogos e biblistas na casa onde estou hospedado. Minha pesquisa é na área da pastoral bíblica, estudo a utilização da bíblia por gente simples e comunidades de base. Este é o centro da minha pesquisa: como utilizar a bíblia na comunidade cristã.

U.A.: Podemos dizer que sua pesquisa fala da comunidade cristã como um todo?

F.M.: Falo das comunidades que se categorizam agora como “comunidades de base”. Acontecem como na nossa casa: o grande objetivo é o de ajudar as pessoas simples a entender e a dizer a bíblia. É preciso ajudar as pessoas a perceberem que a bíblia é a palavra de Deus para todo mundo e não só para um grupo em especial que faz a bíblia ser entendida. Sabemos que falta compreensão por parte das pessoas mais simples na vontade de poder lê-la de acordo, e essa falta de “instrumentos” não permite que ela entre na cabeça de muita gente - é preciso uma pessoa bem formada que lhes acompanhe. Minha função, como também é função dos estudiosos, é facilitar o

entendimento da palavra de Deus. Não é possível deixar que se leia a bíblia sem critérios, para que não leiam a bíblia com erros.

U.A.: No Congo, você exerce a função de secretário da faculdade de teologia. Podemos falar de diferenças entre a teologia africana e a teologia encontrada em outros lugares?

F.M.: Teologia é sempre teologia. Seja no Peru, na Bélgica, na França, no Brasil, na África ou em qualquer lugar, a teologia, em todo lugar, é a teologia. Ela é sempre um discurso que reflete Deus, uma afirmação do homem sobre Deus. O que faz a diferença é que cada país e cada universidade a teologia tem uma cor diferente, que é a cor e a música de cada lugar. A teologia é sempre influenciada pelo meio em que a pessoa vive.

...

Sugestões de leituras complementares:

ALTUNA, P. Raul Ruiz de Asúa. *Cultura tradicional bantu*. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

- Uma densa introdução à cultura bantu. Livro rico de informações, escrito por um exímio conhecedor da cultura africana.

BERKENBROK, Volney J. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. Petrópolis: Vozes 1997.

- Entre os muitos estudos sobre a experiência religiosa afro na diáspora, o de Berkenbrok merece ser consultado pela amplitude.

EspinaY, François de l'. *a Religião dos Orixás*. Outra palavra do Deus único. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n.47, 1987, p. 860-890.

FRIZOTTI, Heitor. *Igreja católica e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Paulus, 1996.

- Uma introdução ao diálogo religioso. O texto aponta pistas para se caminhar nesta difícil questão.

HEYWOOD, Linda M.(org.)- *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

- Os capítulos do livro tocam na temática da Diáspora e da Religião, alguns deles escritos por historiadores africanos como John Thornton.

MALANDRINO, Brigida Carla. *“Há sempre confiança de se estar ligado a alguém”* : dimensões utópicas das expressões da religiosidade bantú no Brasil. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências da Religião da PUCSP, 2010.

- Malandrino realiza um amplo estudo das expressões de religiosidade bantú no Brasil, dando destaque à forma utópica, portanto à dimensão desejada e transitória dentro do enfoque das Ciências da Religião (Cf. Resumo). Mostra a influência bantú na Umbanda e o amplo processo de ressignificação ocorrido na experiência diáspórica.

Mary C. KARASCH. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro-1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 [1987].

- A autora apresenta um capítulo memorável, intitulado *Participação em grupos sociais e religiosos*, todo ele dedicado a desvelar o tema das religiões cultuadas por africanos e escravos na cidade do Rio de Janeiro. Defende a capacidade dos africanos em reinventarem seus cultos no novo ambiente, esboçando o que se chama de “reconstrução étnica e cultural” nas Américas Negras.

MELLO e SOUZA, Marina de. *Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

- O livro no conjunto é rico em informações que ajudam a leitor a entender um pouco mais a visão cosmológica africana. Tem um capítulo dedicado especialmente ao catolicismo negro.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

- Texto que auxilia o leitor na compreensão da cosmovisão africana.

PEREIRA, Julio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: cemitério dos pretos novos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007.

- No prefácio, José Murilo de Carvalho sintetiza com precisão a dinâmica presente em *À flor da terra*: “É este mundo marcado pelo sofrimento de uns e pelo desrespeito de outros, um mundo de práticas desumanas, que Júlio César nos revela, apoiado em documentos de arquivos, em testemunhos de viajantes, em estudos sobre a cultura da morte nas tradições católica e banto. Ao horror dos navios negreiros e das senzalas, será preciso acrescentar agora o do Cemitério dos Pretos Novos” (CARVALHO, apud PEREIRA, 2007: 12). O autor estabelece comparações com a visão cristã mostrando o dinamismo que se faz presente no encontro dessas duas concepções de mundo. O leitor ao vislumbrar a cosmologia desses africanos que aqui chegaram, entende um pouco mais o medo, o pavor que os atormentava.

PIROLA, Ricardo Figueiredo. *Senzala insurgente*. Malugo, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832), Campinas: Unicamp, 2011.

- Num dos capítulos, encontramos uma ampla explicação dos “cultos de aflição”, tão presentes entre as populações africanas. Cf. p. 175s.

REBHEIN, Franziska Carolina. *Candomblé e salvação: a salvação na religião nagô à luz da teologia Cristã*. São Paulo: Loyola, 1985.

- Um cuidadoso estudo comparativo da concepção de salvação na religião nagô e na cristã.

SLENES, Robert. “A árvore de Nsanda transplantada: culto kongo de aflição e identidade escrava no sudeste brasileiro (século XIX). In: Douglas Coly LIBBY; Júnia Ferreira FURTADO (orgs.). *Trabalho livre, trabalho escravo: Brasil e Europa séculos XVIII e XIX* São Paulo: Annablume, 2006 , p. 273-314.

SLENES, Robert. “Malungu, ngoma vem! A África coberta e descoberta no Brasil. *Revista da USP*. São Paulo,nº.12,dez./fev..1991-1992.

- Os artigos de Robert Slenes oferecem um vasto material para uma melhor compreensão das manifestações religiosas afro na diáspora. Textos escritos com base em meticolosas pesquisas.